



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ABC

ARTHUR SILVA OKANHA MARTINS

RA: 11011616

SANTO ANDRÉ – SP

2021

**Universidade Federal do ABC**

**– 2021**

**Docente responsável:** Prof. Dr. Luiz Fernando Barrere Martin

**Nome:** Arthur Silva Okanha Martins – RA 11011616 – Noturno

**Título:** Notas sobre a consciência de si em Hegel

---

---

### **Introdução**

A Consciência-de-si ou autoconsciência em Hegel (*Selbstbewusstsein*) é um conceito que surge no quarto capítulo da *Fenomenologia do Espírito*. Na primeira parte dessa obra, no âmbito da consciência, o sujeito se encontra absolutamente separado do objeto, como explica Hegel (2018, p. 135), “Nos modos precedentes da certeza, o verdadeiro é para a consciência algo outro que ela mesma”<sup>1</sup>.

A passagem propriamente dita do âmbito da consciência para a consciência de si se dá ao final do terceiro capítulo, intitulado "Força e entendimento; fenômeno e mundo suprassensível" no qual Hegel se debruça sobre a filosofia kantiana.

No explicar encontra-se tanta auto-satisfação justamente porque a consciência está, por assim dizer, em imediato colóquio consigo mesma: só a si desfruta. Embora, sem dúvida, pareça tratar de outra coisa, de fato está somente ocupada consigo mesma. (Hegel, 2018, p. 128).

Ou seja, o mundo aparece como o espelho da consciência, o objeto que ela pensava tratar separadamente, mostra-se como ela própria. Esse patamar já foi atingido por Kant e por isso Hyppolite (1999) afirma que o idealismo desse foi interpretado de forma a poder ser reduzido na simples frase: a verdade da

---

<sup>1</sup> Ver o verbete feito por Inwood (1997).

consciência é a consciência de si. Em outras palavras, trilhando o caminho fenomenológico, a consciência começou em seu caminho natural, cheia de suas representações naturais, seus preconceitos que lhe apareciam natural e imediatamente como verdades, ao longo do caminho descrito na Introdução (três capítulos anteriores) a consciência perdeu suas verdades todas, ela ficou "desesperada" e por isso percebeu que era preciso um salto qualitativo, sair da imediatez contemplativa, passiva e passar à reflexão prática sobre si, por isso ela deixa de ser consciência de algo e torna-se consciência de si ou autoconsciência, ela percebe que o "algo" é na verdade determinado pelo "si", nas palavras de Hegel:

Surgiu porém agora o que não emergia nas relações anteriores, a saber: uma certeza igual à sua verdade, já que a certeza é para si mesma seu objeto, e a consciência é para si mesma o verdadeiro. (Hegel, 2018, p. 135).

Nessa gênese da consciência de si, nessa passagem à atividade, temos a gênese do homem. Lembremos que no capítulo sobre a Certeza Sensível, Hegel afirma:

Nem mesmo os animais estão excluídos dessa sabedoria, mas antes se mostram iniciados no seu mais profundo; pois não ficam diante das coisas sensíveis como em si essentes, mas desesperando dessa realidade, e na plena certeza de seu nada, as agarram sem mais e as consomem. (Hegel, 2018, p. 91).

Ou seja, naquele estágio, os animais estavam no mesmo nível de sabedoria que os homens, com a diferença de que os animais consumiam as coisas ao invés de tratá-las como coisas que existem em si (o que os homens no estágio da certeza sensível faziam). A consciência de si dá esse salto de diferenciação do animal para o homem<sup>2</sup>.

Foi dito, apenas mencionado, que a consciência de si é prática e não passiva como a consciência, portanto, deve haver algo que impele a consciência a ação, caso contrário, a consciência terá chegado apenas a uma tautologia inerte:

---

<sup>2</sup> Por isso Kojève diferencia o animal como o ser que apenas sente a si, enquanto o homem é consciente de si. (Kojève, 2014, p. 11).

A diferença não é; e a consciência-de-si é apenas a tautologia sem movimento do "Eu sou Eu". Enquanto para ela a diferença não tem também a figura do ser, não é consciência-de-si. (Hegel, 2018, p. 136).

Sem a diferença, sem o Outro, ou seja, sem o mundo externo, a consciência de si chega no  $Eu = Eu$ , sendo cada um dos lados da igualdade tão indeterminado quanto o outro. Por isso surge a figura do desejo. O desejo é o que impele a consciência passiva à atividade, é o que impele o si ao Outro, o Eu ao mundo. Dizer que a consciência de si é desejo significa que ela vai até o Outro, experimenta o Outro e volta a si, ao contrário do âmbito da consciência, que era absorvida pelo objeto, aqui o desejo impele essa volta da consciência a si (Kojève, 2014).

Podemos dizer então que o movimento de ultrapassar da consciência, descrito na Introdução (Hegel, 2018), se apresenta aqui de novo com um duplo significado: a consciência não só avança estágios, ou seja, suas figuras (Certeza Sensível, Percepção, Entendimento, Consciência de Si etc.) como também ultrapassa os limites físicos do Eu e busca o Outro (Pinkard, 1996) e (Hyppolite, 1999).

Esse Outro a que a natureza é impelida é marcado com o sinal do negativo, ou seja, o Outro é aquilo que não sou eu, sendo eu o polo da positividade, da determinidade e o Outro o polo a ser negado para que eu possa voltar a mim, sua única função é ser espelho do Si, um movimento de reflexão mesmo, ir até o Outro e retornar a si. Por essa divisão é que Hegel diz que o objeto da consciência de Si agora é duplo:

A consciência tem de agora em diante, como consciência-de-si, um duplo objeto: um, o imediato, o objeto da certeza sensível e da percepção, o qual porém é marcado para ela com o sinal do negativo; o segundo objeto é justamente ela mesma, que é a essência verdadeira e que de início só está presente na oposição ao primeiro objeto. A consciência-de-si se apresenta aqui como o movimento no qual essa oposição é supressumida e onde a igualdade consigo mesma vem-a-ser para ela. (Hegel, 2018, p. 136-7).

## Desejo

Dizer que há, na passagem à autoconsciência, uma passagem da teoria à prática, significa dizer que há não só uma mudança no objeto da consciência, mas há uma mudança na forma de se relacionar com esse objeto, a consciência buscava conhecer o objeto, a consciência-de-si busca se satisfazer (Neuhouser, 2009), essa é a passagem à atividade, e o motor dessa atividade é o desejo.

O desejo é o negativo, naquele movimento da consciência de si diante de seu duplo objeto citado na última seção, o desejo consome esse Outro, ele nega esse Outro, para que possa haver o retorno ao Eu. O desejo nega o mundo externo: “Para nós, ou em si, o objeto que para a consciência-de-si é o negativo (...)” (Hegel, 2018, p. 137).

Em resumo: é pela negação que o desejo promove em relação ao mundo externo que o indivíduo pode tornar-se consciente de si. O sujeito enxerga tudo que lhe é externo e independente dele como uma ameaça, por isso o desejo tem essa função de negar toda independência do objeto externo ao sujeito, i.e., o objetivo é negar toda a realidade externa e, então preenchê-la com a subjetividade do sujeito desejante (Neuhouser, 2009) e (Silva, 2009). Como diz Hegel:

Assim a consciência-de-si é certa de si mesma, somente através do supracumir desse Outro, que se lhe apresenta como vida independente: a consciência-de-si é desejo. Certa da nulidade desse Outro, põe para si tal nulidade como sua verdade; aniquila o objeto independente, e se outorga, com isso, a certeza de si mesma como verdadeira certeza, como uma certeza que lhe veio-a-ser de maneira objetiva. (Hegel, 2018, p. 140).

Essa negação nós podemos entender comparando com o sentido literal da alimentação, o ser consome o mundo, o destrói e o incorpora a si, como um alimento que é destruído enquanto alimento em si, em sua unidade, e digerido, passando a fazer parte do corpo do sujeito agora. Por isso, a importância desse movimento de negação promovido pelo desejo é dupla: é o negar o exterior e fazer o sujeito se tornar consciente do interior, do si, mas é também o consumo desse exterior. Ou seja, não basta negar o mundo e se ensimesmar, se tornar um sujeito solipsista, pelo contrário, a negação do desejo busca justamente dar

determinações ao sujeito, preencher esse sujeito contra a tautológica forma do “Eu = Eu” que nada diz, esse consumo deve determinar o sujeito: “eu sou um sujeito x pois me apropriei de x no mundo”.

Por isso Kojève aponta para o fato de que o desejo por um lado consome o mundo objetivo e, por outro, "cria" o mundo subjetivo e, nesse processo, aquilo que satisfaz o desejo tem sempre a mesma natureza do Eu que foi criado nesse processo de consumo, ou seja, se eu consumo um animal, eu estou preso no reino da animalidade, sou um “Eu-Animal” e não posso chegar à consciência de si (Kojève, 2014).

Aqui entra o problema da reprodutibilidade do desejo:

A consciência-de-si não pode assim suprassurnir o objeto através de sua relação negativa para com ele; pois essa relação antes reproduz o objeto, assim como o desejo. (Hegel, 2018, p. 141).

O que Hegel aponta é que esse desejo, ainda animalizado, uma vez satisfeito, não tem outra alternativa senão começar a desejar de novo. Voltando à metáfora do alimento, depois de comer, voltamos a ter fome, ou seja, esse desejo animal não é plenamente saciável, ele existe enquanto existe vida, enquanto estiver localizado no âmbito da vida.

Portanto, esse âmbito não basta, ele não deixa de ser condição necessária, mas continua longe de ser suficiente para a realização do sujeito, para sua determinação. É preciso passar ao âmbito do espírito (poderíamos resumir como o âmbito do ser humano), por isso agora o desejo não mais será um desejo animal, mais à frente no texto a morte não será uma morte animal, mas espiritual e, por isso, Hegel diz ao fim dessa seção introdutória do capítulo:

Para nós, portanto, já está presente o conceito do espírito.

Para a consciência, o que vem-a-ser mais adiante, é a experiência do que é o espírito: essa substância absoluta que na perfeita liberdade e independência de sua oposição - a saber, das diversas consciências-de-si para si essentes - é a unidade das mesmas: Eu, que é Nós, Nós que é Eu. (Hegel, 2018, p. 141)

Sem o experiencarmos, já estamos diante do espírito quando estamos diante das relações entre consciências de si, por isso da fórmula "Eu, que é Nós, Nós que é Eu". Mas é preciso introduzir tal relação: a relação de reconhecimento.

### **Reconhecimento**

Esqueçamos o espírito, que extrapola essa investigação, e voltemos ao desejo, ele negava tudo, consumia tudo, tudo que ele tocava era destruído. Isso quer dizer que a sucessão dos objetos do desejo não tem como objetivo a satisfação do sujeito, mas apenas mostrar a necessidade da alteridade, não importa qual objeto o sujeito consuma, ele continua precisando de objetos, ele não se satisfaz consigo e continua buscando o Outro, continua reproduzindo o desejo infinitamente. Isso significa também que esse movimento é incapaz de satisfazer o sujeito consciente de si desejante. Aqui o desejo humano se diferenciará do animal: o desejo animal deseja um objeto, o desejo humano deseja um desejo: o homem só pode desejar um objeto se este for mediado por uma relação (Kojève, 2014)<sup>3</sup>.

O desejo humano se diferencia, pois, uma vez mostrada a impossibilidade de ele satisfazer o Eu através da negação do Outro, isso significa que é o Outro que deverá negar a si mesmo:

Em razão da independência do objeto, a consciência-de-si só pode alcançar satisfação quando esse objeto leva a cabo a negação de si mesmo, nela; e deve levar a cabo em si tal negação de si mesmo, pois é em si o negativo, e deve ser para o Outro o que ele é. (Hegel, 2018, p. 141).

Ou seja: o sujeito deve encontrar um objeto que não seja negado pelo seu desejo, mas um objeto que seja capaz de negar a si próprio. O único objeto que

---

<sup>3</sup> Veremos a seguir que quem faz a mediação do objeto natural será um escravo trabalhando para um senhor.

pode negar a si é um sujeito consciente de si<sup>4</sup>, ou seja, o desejo do sujeito o levou a buscar um outro sujeito. “A consciência-de-si só alcança sua satisfação em uma outra consciência-de-si.” (Hegel, 2018, p. 141).

Por isso, com o que foi visto até aqui, o desejo falha em seus próprios termos, o objeto que ele buscava se mostrou insuficiente para sua satisfação. A falha do desejo em realizar a liberdade e autonomia do sujeito se mostra na seguinte forma: se o desejo nega o mundo, mas nunca se satisfaz é porque ele não encontrou o que procurava, o que só pode significar que ele é dependente desse algo não encontrado: na busca pela autonomia o sujeito se torna dependente de um objeto (Neuhouser, 2009). Por isso Hegel afirma:

Entretanto nessa satisfação a consciência-de-si faz a experiência da independência de seu objeto. O desejo e a certeza de si mesma, alcançada na satisfação do desejo, são condicionados pelo objeto, pois a satisfação ocorre através do suprasumir desse Outro; para que haja suprasumir, esse Outro deve ser. (Hegel, 2018, p.140-1).

Ou seja, é a tentativa de suprasumir a autonomia do Outro que confirma essa autonomia, pois para negar que algo, esse algo tem que ser. Nesse sentido, é que o desejo reproduz a si, mas também reproduz o objeto.

Em resumo: eu consumo, me satisfaço, mas logo quero consumir de novo. A solução para isso é encontrar algo que resista ao consumo, ao desejo, apesar das metáforas usadas com a alimentação nesse trabalho, é preciso fazer uma distinção: a negação do desejo aqui não destrói o objeto literalmente, ele destrói a independência do objeto em relação ao sujeito, o objeto passa a ser o que o sujeito diz que ele é. Mas com isso o sujeito não consegue o reconhecimento, pois o objeto não promove a reflexão do sujeito, não confirma que o sujeito é o que ele pensa ser, em suma, não reconhece o sujeito<sup>5</sup>.

Isso coloca a questão: o que deseja a consciência de si? Ela deseja que a certeza de si (subjetiva) corresponda à verdade (objetiva)<sup>6</sup>. À essa

---

<sup>4</sup> Nesse caso, a capacidade de negar a si significará a capacidade de pôr a própria vida em risco.

<sup>5</sup> Neuhouser (2009) usa um exemplo claro sobre um homem que seduz mulheres.

<sup>6</sup> O exemplo de Neuhouser é claro: "Tomando emprestado um exemplo de Sartre: se eu me considero um grande romancista, mas não escrevo nenhum livro, ou então tudo que escrevo é

correspondência chamamos de reconhecimento, como se verá na dedução a seguir.

Como visto “as coisas” não resistem ao desejo, os simples objetos não resistem, é necessário algo que ultrapasse a coisidade, portanto. A consciência já mostrou, em sua evolução, o caminho a ser seguido: ela ultrapassou o âmbito da coisidade, o experienciou e através da negação dele<sup>7</sup> passou à consciência de si. O desejo realiza o mesmo caminho, começa pelo consumo da coisa, do imediato etc. agora deve consumir algo que se elevou além disso: a consciência de si. Por isso pode-se dizer claramente: o desejo humano é o desejo por outros desejos, a consciência de si deseja uma outra consciência de si. Em outras palavras: o homem é um ser social, ele deseja a alteridade. Ou, em palavras do próprio Hegel (2018, p. 142): “A consciência-de-si é em si e para si quando e por que é em si e para si para uma Outra; quer dizer, só é como algo reconhecido.” Em português claro: a consciência de si só pode ser livre e autônoma se reconhecida como livre e autônoma por uma outra consciência de si livre e autônoma.

Poder-se-ia imaginar que o reconhecimento cairia no mesmo impasse do desejo: ser livre dependendo de um objeto. Mas o ponto central é que o objeto, nesse caso, é diferente do objeto do desejo, pois o objeto aqui é o sujeito, um sujeito igual ao Eu, e, pelo fato dele ser igual ao Eu, não há mais problemas em depender dele (Neuhouser, 2009). Pelo contrário, como não se trata mais de um objeto simples, mas de uma outra consciência de si, logo, não posso impor simplesmente minha vontade sobre ele, tudo que eu fizer nele, ele deve fazer em si, i.e., aceitar minha ação e vice versa, o que ele faz em mim eu devo também fazer:

---

julgado como medíocre pelos outros, então eu posso me considerar um grande novelista, mas não posso estar verdadeiramente consciente de mim como um. Minha visão subjetiva de quem sou eu, não é confirmada no mundo externo a mim - ou, como colocaria Hegel, minha 'certeza' falha em corresponder à minha 'verdade". Em tradução livre, ou no original em inglês:

"To borrow an example from Sartre: if I think of myself as a brilliant novelist but I write no books, or everything I write is judged mediocre by others, then I may conceive of myself as a brilliant novelist, but I cannot be truly conscious of myself as one. My subjective view of who I am is not confirmed in the world outside me – or, as Hegel would put it, my 'certainty' fails to correspond to my 'truth.'" (Neuhouser, 2009, p. 39).

<sup>7</sup> Não uma negação absoluta, mas uma negação determinada, uma negação que conserva o negado e o supera (Inwood, 1997).

A primeira consciência-de-si não tem diante de si o objeto, como inicialmente é só para o desejo; o que tem é um objeto independente, para si essente, sobre o qual portanto nada pode fazer para si, se o objeto não fizer em si o mesmo que ela nele faz. O movimento das duas consciências-de-si. Cada uma vê a outra fazer o que ela faz enquanto a outra faz o mesmo. O agir unilateral seria inútil; pois, o que deve acontecer, só pode efetuar-se através de ambas consciências. (Hegel, 2018, p. 143).

Kojève (2014) justifica esses passos da seguinte forma: já vimos que “somos o que desejamos”<sup>8</sup> ou seja, se a consciência de si continuar desejando apenas coisas ela será coisa, ela deve se dirigir a algo além do reino da finitude, da coisa.

Como o desejo humano deve ultrapassar o âmbito da vida, da coisidade, ele deve se provar arriscando a vida para se realizar. O desejo por um desejo é a gênese da consciência de si, do ser humano. O desejo por desejo é o desejo por reconhecimento, simplificando: o que eu desejo quando digo que desejo o desejo do outro, é que meu desejo seja reconhecido e, com isso, que eu seja reconhecido enquanto sujeito possuinte de certas determinações por um outro sujeito como eu, livre e autônomo como eu, que não me reconhece por obrigação, mas que me reconhece livremente.

Arriscar a vida pelo reconhecimento é a prova cabal de que estou acima do âmbito da mera vida, i.e., o reconhecimento é mais importante que a vida, passei do animal para o humano, me libertei do âmbito da natureza, da vida e agora posso atingir o espírito<sup>9</sup>. Além disso, na passagem do desejo ao reconhecimento (necessidade de reconhecimento) houve um ganho qualitativo, uma mudança na forma de relacionar-se com o mundo: o sujeito percebe que autonomia não é ser totalmente independente de um outro, mas sim ser dependente de um outro igual a ele no sentido de ser também sujeito livre, autônomo e reconhecido (Neuhouser, 2009), como mostrará a dialética do senhor e do escravo.

---

<sup>8</sup> Luiz Henrique Vieira da Silva também percebe isso em (Silva, 2009) quando afirma que assim como o desejo modifica a coisa, a coisa modifica o desejo, modifica-o justamente transformando seu movimento no movimento do reconhecimento.

<sup>9</sup> A negação da vida, a morte, é apenas uma negação natural, é preciso ultrapassá-la, é preciso uma negação espiritual. Ver Hyppolite (1999).

## **Dialética do senhor e do escravo**

Para ultrapassar o natural é preciso arriscar a vida. De cara já é possível ver quem é o "senhor absoluto": a morte. Mais do que qualquer sujeito, a morte é o que todos os sujeitos temem e, ao mesmo tempo, o que separa entre qual consciência de si será senhora e qual será escrava e, por fim, a morte mostrará para o escravo que ele pode se "rebelar" contra o senhor.

Para começar do começo, a morte separa as consciências de si entre escravo e mestre: duas consciências desejantes se defrontam e lutam pelo reconhecimento um do outro. Porém, se nenhum deles abdicar da luta, isso é, se a levarem até o final, um desejo acabará consumindo o outro, isto é, um homem matará o outro; uma consciência de si negará a outra, afinal o desejo só pode ser desejo se mantiver sua negatividade, se puder negar o outro. Porém, já vimos que o simples negar o outro não realiza o desejo, não o satisfaz, apenas o reproduz (Silva, 2009).

Por isso, uma das consciências de si desejante abdica da luta, teme pela vida e sai do combate, a esse movimento chamamos de refrear do desejo. O desejo refreado, que temeu a morte e desistiu da luta, é o desejo do escravo, é o Outro do desejo; já o não refreado, disposto a seguir no confronto, é o do senhor (Silva, 2009). Portanto, podemos dizer que desde o princípio, a consciência que permite o reconhecimento, ainda que aqui apenas potencialmente, é a consciência escrava, pois ao se retirar da luta ela mantém a vida (Silva, 2009) (condição necessária, mas não suficiente) e permite a passagem do desejo ao trabalho, como se verá à frente. Por outro lado, a consciência do senhor realiza, com a desistência do servo, uma negação determinada dele: o nega sem matá-lo, ao contrário, o senhor nega o servo mantendo-lhe a vida na forma do serviço (Kojève, 2014).

Mesmo assim, não é a consciência do senhor que é reconhecida, mas seu desejo, a consciência do senhor se mantém longe do reconhecimento pois contenta-se com o gozo. O gozo só se diferencia do desejo animal porque ele agora é realizado pela mediação do trabalho do servo, ainda que este represente

a coisidade, porque não foi reconhecido, ele modifica, pelo trabalho, a coisa e a eleva acima da natureza, assim o senhor sente-se reconhecido por ter seu desejo reconhecido.

Ao contrário, para o senhor, através dessa mediação, a relação imediata vem-a-ser como a pura negação da coisa, ou como gozo - o qual lhe consegue o que o desejo não conseguia: acabar com a coisa, e aquietar-se no gozo. **O desejo não o conseguia por causa da independência da coisa; mas o senhor introduziu o escravo entre ele e a coisa**, e assim se conclui somente com a dependência da coisa, e puramente a goza; enquanto o lado da independência deixa-o ao escravo, que a trabalha. [Grifos meus] (Hegel, 2018, p. 147-8).

Vê-se claramente como a diferença entre o desejo e o "aquietar-se" no gozo está no fato de o segundo ter entre ele e o desejo o trabalho do servo fazendo a mediação, essa mediação satisfaz o senhor sem que ele seja de fato reconhecido.

Ter o desejo reconhecido, porém, não é o mesmo de ser reconhecido pois, ser reconhecido só pode acontecer por uma consciência de si livre, que livremente reconheça ao outro, e não que é forçada a isso. Essa é a diferença entre ser reconhecido como sujeito e ser reconhecido apenas em seu desejo. No primeiro caso só se pode ser reconhecido por um outro sujeito igual e livre, mas se é reconhecido em sua plenitude de determinações e subjetividade. No segundo caso, é o servo (nem igual nem livre) reconhecendo a legitimidade do desejo do senhor (não de todas as suas determinações, não de sua subjetividade etc.) e trabalhando para satisfazê-lo. Isso já fora visto antes quando foi colocada a questão de se o reconhecimento cairia no mesmo problema do desejo: o problema de ser livre sendo dependente de um outro. Lá mostramos que a solução se dá no fato de no caso do reconhecimento, o outro de que dependo ser igual a mim, logo não se trata de uma dependência contingente.

Isso significa que o senhor se torna dependente do escravo, o primeiro sem o segundo não vive, não consegue realizar seu desejo<sup>10</sup>. Voltando à metáfora com alimentos, é como o homem que explora sua mulher, mas não sabe cozinhar, sem

---

<sup>10</sup> Temos aqui um ponto de virada dialética: o senhor, que não temendo a morte, se viu independente do mundo natural, fez tudo isso para voltar ao mundo natural, à coisidade, na figura do servo (ainda que em estágio superior pois agora a coisidade é trabalhada e não imediata), o senhor andou para no fim não sair do lugar.

ela, ele morre de fome, no entanto, sem ele, ela sobrevive. Logo, o senhor não é reconhecido justamente por não reconhecer o escravo e, ao não o fazer, relega-o ao âmbito da coisidade, âmbito no qual o escravo não pode reconhecer o senhor. Kojève explica claramente essa dependência do senhor em relação ao escravo:

“O desejo animal – a fome, por exemplo, e a ação dela decorrente – nega, destrói o dado natural. Ao negá-lo, ao modificá-lo, ao fazê-lo seu, o animal eleva-se acima desse dado. **Segundo Hegel, o animal, quando come a planta, realiza e revela sua superioridade sobre ela. Mas porque se alimenta de plantas, o animal depende delas e, por isso, não chega a superá-las de fato.** De modo geral, o vazio ávido – ou o Eu – que se reserva pelo desejo biológico só se preenche – pela ação biológica dele decorrente – com um conteúdo natural, biológico. O Eu, ou o pseudo-Eu, realizado pela satisfação ativa desse desejo, é, pois tão natural, biológico, material, quanto àquilo que atrai o desejo e a ação. O animal só se eleva acima da natureza negada em seu desejo animal para nela recair imediatamente quando satisfaz esse desejo. Assim, o animal só chega ao sentimento de si (Selbstgefühl), mas não à consciência-de-si (Selbstbewusstsein); isto é, ele não pode falar de si, dizer: “Eu...”. E isso porque ele não transcende realmente a si mesmo como dado, isto é, como corpo; ele não se eleva acima de si para poder voltar para si: ele não tem distanciamento em relação a si, para poder contemplar-se.” (Kojève, 2014, p. 163). [Grifos meus]

Como o animal que se alimenta de plantas, o senhor depende do servo, ele não é capaz de se realizar por si só, de se satisfazer por si só etc.

Voltemos agora, nosso olhar ao servo: no começo foi dito que o servo é o Outro do desejo, ou, o desejo refreado. Mas se o desejo é atitude negadora que não pode ser por nada refreada (exceto pela morte, que é a negação absoluta; mas cabe lembrar que o servo se tornou desejo refreado justamente para escapar da morte), então como pôde o desejo do servo ser refreado? Ele só pode ser desejo refreado se se tornar uma outra coisa que não seja desejo: o trabalho. Se o desejo é a negação do mundo, o seu Outro só pode ser o contrário: criação do mundo. Se o desejo é consumo, seu Outro só pode ser transformação. O Outro do desejo é o desejo refreado e o desejo refreado não é mais desejo, ele se transforma em trabalho:

O desejo se reservou o puro negar do objeto e por isso o sentimento-de-si-mesmo, sem mescla. Mas essa satisfação é pelo mesmo motivo, apenas um evanescente, já que lhe falta o lado objetivo ou o subsistir. O trabalho, ao contrário, é desejo refreado, um desvanecer contido, ou seja, o trabalho forma. (Hegel, 2018, p. 149-150)

Pelo trabalho a consciência escrava chega a intuir sua independência: primeiro porque o trabalho é a superação do desejo, a consciência escrava

conseguiu avançar para além do desejo e, portanto, agora ela interage de outra forma com o mundo<sup>11</sup>. Segundo, pelo trabalho servil a consciência escrava aprendeu com o mestre como ser mestre<sup>12</sup>. Terceiro, com o trabalho o escravo aprendeu a disciplina para não ficar preso ao imediato: "Sem a disciplina do serviço e da obediência, o medo fica no formal, e não se estende sobre toda a efetividade consciente do ser-aí." (Hegel, 2018, 150). Por fim, a passagem do desejo ao trabalho é a passagem da consciência de si solipsista, independente do mundo e ensimesmada, para a consciência que se relaciona e se vincula com o mundo (Silva, 2009).

O trabalho, por transformar o mundo, faz dele menos hostil ao trabalhador, no caso o escravo, ainda que, seu trabalho seja executado por vontade alheia. O trabalho imortaliza o trabalhador, fazendo ele superar a morte física (Neuhouser, 2009) e, portanto, a natureza, a coisidade à qual ele estava preso no começo.

### **Conclusão**

O homem, ao se engendrar nessa luta por reconhecimento, faz da dialética da história a dialética do senhor e do escravo, é por meio dessa dialética que avança a história, inclusive para a superação dessa própria dialética, para a superação da servidão (Kojève, 2014).

Recapitulando o que foi visto: o homem deve superar o desejo animal. Quem faz isso (aparentemente) é o senhor, parando de desejar objetos e passando a desejar outros desejos, i.e., a desejar ser reconhecido. Mas justamente aqui uma contradição característica dessa dialética aparece: ao se tornar senhor e negar o outro como escravo, ao relegar o outro como coisidade,

---

<sup>11</sup> Por isso desejo refreado: o escravo consegue não destruir tudo que vê pela frente, ele consegue trabalhar o que lhe aparece.

<sup>12</sup> Já foi dito que ao não reconhecer o escravo, o senhor não é reconhecido, além disso, já dissemos que o que uma consciência faz na outra, ela faz sobre si mesma, como já foi visto nas palavras do próprio Hegel (nesse mesmo trabalho na p. 9-10). Quando o escravo reconhece o senhor ele se reconhece como escravo e faz em si o que o senhor faz com ela: ele trabalha para o senhor, ou seja, quem atua no escravo é o desejo do senhor. Por isso o escravo aprende a ser senhor com o senhor: a disciplina que o senhor impõe ao escravo é a disciplina que o escravo impõe a si, por isso ele aprende a se disciplinar e refrear seu desejo. Para mais, ver Neuhouser (2009) e Kojève (2014).

então o senhor retorna ao estágio anterior, pois passa a se satisfazer com coisas (Kojève, 2014).

Por isso mesmo o senhor não consegue se satisfazer e não consegue realizar a autonomia. Se o senhor não é capaz de realizar o que propunha a consciência de si, isto é, a autonomia e a liberdade, sobra essa tarefa ao escravo. Ao contrário do que se poderia imaginar, a chave para a liberdade é o escravo<sup>13</sup>.

O movimento de supressão da sujeição realizada pelo escravo se dá por meio de dois estágios: medo da morte e trabalho.

Primeiro o servo teme a morte e a partir disso, ele "treme", tudo que era sólido nele se desfez no ar, se tornou inseguro, ele percebeu que o senhor absoluto não é o senhor que ele confrontou na luta, mas a morte, que pode negar tudo sem exceção.

"Essa consciência sentiu a angústia, não por isto ou aquilo, não por este ou aquele instante, mas sim através de sua essência toda, pois sentiu o medo da morte, do senhor absoluto. Aí se dissolveu interiormente; em si mesma tremeu em sua totalidade; e tudo que havia de fixo, nela vacilou." (Hegel, 2018, p. 149).

Então o servo passa ao trabalho servil. Pelo trabalho ele refreia o desejo pela disciplina, não consome o mundo, mas o cria e, assim, percebe-se acima da natureza, podendo inclusive subverter a morte por meio de sua obra (como um livro que continua "vivo" mesmo após a morte de seu autor). O trabalho permite ao escravo se libertar da angústia da morte o servo "Servindo, suprassume em todos os momentos sua aderência ao ser-aí natural; e trabalhando, o elimina." (Hegel, 2018, p. 149). Ou seja, servindo ele supera a existência natural, a coisidade e, trabalhando, elimina, se coloca acima dessa coisidade, se torna o "verdadeiro senhor do mundo".

Os dois estágios são necessários. O medo da morte ensina ao servo o valor da vida; já o trabalho ensina o valor da liberdade e da autonomia (Kojève, 2014).

Mas o escravo precisa viver a angústia e passar dela ao trabalho. Se ele fica na angústia, modifica a si sem modificar o mundo e assim se desconecta dele, vira marginal ou louco. Por outro lado, se trabalha sem angústia, ele não visa

---

<sup>13</sup> Também porque o senhor tem interesse em ser senhor, ele está em uma posição confortável. Já o escravo tem todo interesse na liberdade. Ver Kojève (2014).

mudar o mundo, construí-lo (ou reconstruí-lo), como ele não teme a morte, trabalha apenas por capricho. Nenhum desses dois casos realiza a supressão da relação de servidão. Isso porque para realizar essa "revolução" que acaba com a servidão, é preciso passar pela angústia da morte, sem ela, o homem não vê esse mundo criado pelo senhor (criado pelo escravo, mas segundo os desígnios do senhor) como hostil à ele, nesse caso uma "reforma" bastaria, não é preciso essa tal revolução<sup>14</sup>

Por isso o servo, que tem todo o interesse em ser reconhecido e nenhum interesse em ser servo, é a consciência de si que pode continuar tensionando a relação de servidão, visando a superação dela.

### **Bibliografia**

HEGEL, G. W. F. *Fenomenologia do Espírito*. Trad.: Paulo Meneses. Petrópolis: Editora Vozes, 2018.

HYPOLITE, J. *Gênese e Estrutura da Fenomenologia do Espírito de Hegel*. Trad.: Sílvio Rosa Filho. São Paulo: Discurso Editorial, 1999.

INWOOD, M. *Dicionário Hegel*. Trad.: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

KOJÈVE, A. *Introdução à leitura de Hegel*. Trad.: Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.

NEUHOUSER, F. 'Desire, Recognition, and the Relation between Bondsman and Lord'. In: WESTPHAL, K. R. (ed.) *The Blackwell Guide to Hegel's Phenomenology of Spirit*. Nova Jersey: Blackwell Publishing, 2009.

PINKARD, T. *Hegel's Phenomenology The Sociality of Reason*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

---

<sup>14</sup> Quem faz toda essa analogia com "reforma" e "revolução" é Kojève (2014).

SILVA, L. H. V. O Desejo e seu Outro. **Revista Eletrônica Estudos Hegelianos**, nº10, P.47-59, Junho, 2009. Disponível em <http://ojs.hegelbrasil.org/index.php/reh/article/view/115/95>. Acesso em: 14/09/2021.